

A CIDADE COMO LABORATÓRIO PARA AS EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS DE EDUARDO SRUR

THE CITY AS A LABORATORY FOR EDUARDO SRUR'S ARTISTIC EXPERIENCES

Michael Santos Silva

Doutorando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Educação pela Universidade de Taubaté (Unitau). Coordenador Pedagógico na Secretaria de Educação e Cidadania de São José dos Campos-SP.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1637213270762508>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5138-9090>
E-mail: michaelsjc.silva5@gmail.com

Juliana Marcondes Bussolotti

Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Coordenadora do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Taubaté (Unitau), professora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Sociedade da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás).
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5232556966245150>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8560-0974>
E-mail: julianabussolotti@gmail.com

Resumo: Este trabalho teve como escopo refletir sobre a arte contemporânea a partir das intervenções urbanas do artista Eduardo Srur. Para tanto, utilizaram-se como fundamento as concepções de Pallamin (2000), Krauss (2008), Salles (2009), Dewey (2010), Mosé (2012), entre outros expoentes da área. Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa qualitativa, com base em um levantamento bibliográfico acerca da trajetória do artista Eduardo Sru, assim como um formulário respondido via áudio pelo próprio artista. Quando se analisaram as produções artísticas de Eduardo Srur, evidenciou-se a relação entre a arte e a cidade numa perspectiva social e cultural da arte contemporânea brasileira, visto que as produções apresentam uma dimensão ambiental e política, em que o artista convida o público a repensar o cotidiano a partir daquilo que o incomoda. A implicação deste estudo foi destacar que as intervenções de Eduardo Srur são de caráter universal e local ao mesmo tempo, em que difunde mensagens diretas e com engajamento social, a partir das interferências visuais criadas na arquitetura da cidade.

Palavras-chave: Arte contemporânea. Intervenções urbanas. Cidade. Suporte artístico. Processo de criação.

Abstract: This work aimed to reflect on contemporary art from the urban interventions of the artist Eduardo Srur. For that, the concepts of Pallamin (2000), Krauss (2008), Salles (2009), Dewey (2010), Mosé (2012), among other exponents of the area, were used as a foundation. Methodologically, it was a qualitative research, based on a bibliographic survey about the trajectory of the artist Eduardo Srur, as well as a form answered via audio by the artist himself. By analyzing Eduardo Srur's artistic productions, the study highlighted the relationship between art and the city in a social and cultural perspective of Brazilian contemporary art, since the productions have an environmental and political dimension, in which the artist invites the public to rethink everyday life based on what bothers you. The implication of this study was to highlight that Eduardo Srur's interventions are universal and local at the same time, in which he spreads direct messages with social engagement, based on the visual interferences created in the city's architecture.

Keywords: Contemporary art. Urban interventions. City. Artistic support. Creation process.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da expressão humana, como os registros em paredes de cavernas, até as produções urbanas contemporâneas, é relevante compreender a arte no campo ampliado (Krauss, 2008), em que a cidade tornou-se suporte para as obras, porque “é singular dizer que as cidades contemporâneas estão mais coloridas de grafite, de estêncis, de lambes ou colagens, além de outras formas de arte urbana e arte de rua” (Eckert *et al.*, 2019, p. 9). Tem-se também os espaços das galerias e/ou dos museus – conhecidos por “cubos brancos” – substituídos pelos espaços da vida real na cidade como um todo (O'Doherty, 2002; Cartaxo, 2009).

Quando se pensa na cidade como suporte artístico para produção artística, é necessário percebê-la como participante ativa dessa interlocução social e cultural, que está para além de um plano de fundo das intervenções artísticas na atualidade: “A forma urbana em si mesma, sua estrutura básica, funciona como o suporte para que os elementos móveis possam conectar-se” (Fontes, 2011, p. 15). Essa conexão é possível numa relação entre objeto artístico e pessoas, situados num tempo-espaço, “em que a intervenção interage com as pessoas, faz também com que estas interajam entre si, aproximando-as, vitalizando os espaços” (Fontes, 2011, p. 15).

Este texto, ao refletir sobre a relação de arte e cidade a partir das produções de Eduardo Srur, compreende a arte como um processo pautado na concepção de Dewey (2010) e Salles (2009). Para pensar na relação entre a arte e a cidade, este trabalho expõe as produções artísticas do brasileiro Eduardo Srur, em que o próprio artista demarca a cidade com o seu laboratório de pesquisa para as práticas de experiências artísticas (Srur, 2023c). Acredita-se que a relevância deste estudo está em poder

tematizar a relação entre a arte e a cidade numa aproximação sobre a vida social e cultura urbana como expressa Pallamin (2000) a partir da produção artística de Eduardo Srur.

Esta pesquisa realizou um levantamento bibliográfico acerca da trajetória de Eduardo Srur, focalizando as intervenções urbanas em proposições que pertenciam à temática da arte e da cidade, assim como enviou um *e-mail* ao artista com perguntas acerca do seu processo de criação, o qual foi respondido por Eduardo Srur via WhatsApp de modo oral. A partir do retorno recebido, o primeiro autor deste artigo realizou a transcrição dos áudios, e alguns trechos são expostos aqui.

Além deste texto introdutório, há um tópico acerca da relação entre a arte contemporânea, a cidade e o artista. Em seguida, indicam-se cinco intervenções urbanas de Eduardo Srur. Por fim, apresentam-se algumas considerações sobre o estudo.

A ARTE CONTEMPORÂNEA, A CIDADE E O ARTISTA

A arte contemporânea com as suas multiplicidades de expressões apresenta-se ao público como uma incógnita indecifrável, todavia é necessário deixar de lado a concepção de “entender” a arte para poder experimentar e sentir nos diversos sentidos: olfato, visão, paladar, audição e tato. A arte contemporânea compreende os múltiplos modos do pensar e do viver, a vida e a arte entrelaçadas com o seu tempo e espaço: “Habituo-nos a pensar que a arte é uma coisa muito diferente da vida, dela separada pela moldura e pelo pedestal e, aliás, a arte foi mesmo isso durante a maior parte de sua história” (Cocchiarale, 2007 *apud* Veras, 2009, p. 7).

Perceber a arte na contemporaneidade é visualizar a sua integração com as outras áreas do conhecimento humano, pois “artistas recorrem às competências da medicina, engenharia, genética e computação, entre tantas outras, para conceber e produzir arte” (Ribeiro, 2012, p. 29). A arte contemporânea deve ser compreendida como importante aliada para os processos artísticos e ainda mais para ampliação da relação entre a arte e a vida, no contexto da pós-modernidade.

De acordo com Compagnon (1996, p. 13), a pós-modernidade representa a chegada da verdadeira modernidade, uma vez que “o pós-moderno é o auge do moderno ou o seu repúdio”. As indecisões do presente são reflexos do legado da modernidade, como aponta Mosé (2012, p. 12-13):

A modernidade nos deixou como herança um enorme desenvolvimento tecnológico, mas nos deixou também absurda crise social, ambiental, econômica, por isso desmorona em consequência de sua própria exaustão. A sociedade moderna que nasceu e se constituiu como promessa de futuro, um futuro melhor construído pela ciência, acabou de fato não

privilegiando ninguém: diante da violência em grande escala e da iminência de desastres ecológicos, somos todos iguais.

Cunha (2009) expressa que a primeira concepção de pós-modernidade ocorreu no domínio da crítica literária do espanhol Federico de Onís em 1934. Contudo, a partir da década de 1950, passou-se da categoria estética para a categoria de época, assim se tornando parâmetro do que poderia ser moderno ou não. Conforme Harvey (2004 *apud* Cunha, 2009, p. 21), o pensamento pós-moderno está determinado pela “fragmentação, [pela] indeterminação e [pela] intensa desconfiança dos discursos universais ou totalizantes”. Mosé (2012, p. 14) ainda destaca que, entre as incertezas do presente, é preciso “acreditar em um mundo possível e criá-lo é a tarefa não de um homem, mas, de uma cultura afirmativa”.

A intertextualidade de conceitos e processos artísticos e a apropriação de imagens circunscrevem a arte contemporânea, uma vez que, “ao invés de virarem as costas à história da arte, os artistas contemporâneos estão procurando na história da arte imagens para adequar e preencher com novos significados” (Wilson, 1990, p. 59). E é o que justamente pode ser observado nas produções artísticas em diálogo com a cidade, uma vez que a procura pelo novo transformou-se pela investigação de novos significados, em que, quando se pensa no contexto da arte e das intervenções artísticas, “os edifícios e construções de todos os tipos são máquinas enunciativas. Elas produzem uma subjetivação parcial que se aglomera com outros agenciamentos de subjetivação” (Guattari, 2012, p. 140). Portanto, torna-se relevante a seguinte reflexão:

A arte urbana é uma prática social. Suas obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciados de apropriação do espaço urbano, envolvendo em seus propósitos estéticos o trato com significados sociais que as rodeiam, seus modos de tematização cultural e política (Pallamin, 2000, p. 23-24).

No que concerne à exploração desses novos significados, o artista Eduardo Srur apresenta-se no cenário contemporâneo com um provocador. Eduardo Srur nasceu em 1974, vive e trabalha na cidade de São Paulo. Estudou Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap), onde teve a oportunidade de ser aluno do artista Nelson Leirner e do fotógrafo Eduardo Brandão. Srur (2023c) iniciou a sua carreira na década 1990 pela linguagem da pintura. Já no início da década de 2000, começou a pesquisar sobre o uso do espaço público para desenvolvimento de instalações com novos materiais nas diferentes linguagens visuais, abrindo caminho para a produção experimental das intervenções urbanas.

Até os anos 2000, o artista trabalhava apenas com pintura:

[...] que é a minha linguagem de formação e lentamente eu fui sentindo o ateliê ficar apertado, ficar limitado, aquela situação de pintar sozinho, de forma muito solitária e paciente, aí surgem os experimentos das intervenções e num dado momento, depois do acampamento dos anjos e dos caiaques no Rio Pinheiros, eu abandono a pintura, eu deixo a pintura num segundo plano, e começo a me dedicar às intervenções urbanas e às instalações, imaginando que a cidade se torna uma grande galeria, uma tela em branco onde eu posso transitar de uma forma mais ampla do que era com as pinturas (Srur, 2023h).

O artista realiza diversas intervenções urbanas em grande escala na paisagem da cidade, apropriando-se de espaços como: pontes, viadutos, rios, parques públicos e até mesmo terrenos baldios para ambientação das suas intervenções urbanas. Eduardo Srur (2023a) é ainda idealizador e proprietário da ATTACK: Intervenções Urbanas, empresa especializada na concepção e produção de projetos especiais no espaço público que presta suporte para suas intervenções artísticas. As referências artísticas do artista são o “próprio cotidiano, a paisagem urbana, os erros da cidade, coisas que aceitamos passivamente, mas já não fazem sentido para mim, essas inquietações é que geram o meu trabalho, as minhas inspirações” (Srur, 2023h).

No tópico seguinte, apresentam-se as cinco intervenções urbanas do artista (Srur, 2023c).

A CIDADE COMO GALERIA DE ARTE: AS INTERVENÇÕES URBANAS

O processo de criação de um projeto artístico apresenta uma distância entre a ideia (intenção) e o fazer (prática), como demonstram Silva, Ribeiro e Paula (2013). Tal processo vai desde a definição da poética, ou seja, o conjunto de questões que um estudante intencionalmente vai trabalhar, passando pelas dificuldades de adequação, até a sua real execução, bem como pelos obstáculos de montagem e exposição.

O percurso criativo “mostra-se como um complexo de percurso de transformações múltiplas por meio do qual algo passa a existir” (Salles, 2009, p. 31), em que pensar a cidade como suporte para tais proposições artísticas significa propor um diálogo entre o espaço, as pessoas e o objeto artístico.

Tendo a cidade de São Paulo como espaço diário da sua vida, e o Rio Pinheiros como vista do seu ateliê, o artista Eduardo Srur comunica em intervenções urbanas a partir de mensagens diretas ao público. Diante do exposto, a seguir apresenta-se um recorte da produção artística de Eduardo Srur.

Imagem 1: Intervenção *Caiaques* no Rio Pinheiros – São Paulo, 2006



Fonte: Alexandre Schneider. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/caiaques>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Com 150 esculturas compostas por caiaques de plástico e remos de alumínio, e tripulados por manequins de plástico, a intervenção *Caiaques* foi realizada em 2006 sobre as poluídas águas do Rio Pinheiros, na cidade de São Paulo. Essas esculturas fluíam para chamar a atenção das condições do rio. Na última semana de exposição, os caiaques encalharam numa ilha de lixo, conforme é possível observar na Imagem 2 (Srur, 2023e).

Imagem 2: Ilha de lixo onde os caiaques encalharam, 2006



Fonte: Eduardo Nicolau. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/caiaques>. Acesso em: 20 fev. 2023.

O artista relata que: “[...] a ideia de fazer esse resgate histórico do que era o rio, do que ele representava para a cidade e do que ele é hoje. Quando colocamos caiaques com manequins, há um caráter de provocação, estamos falando de uma coisa séria, mas há uma ironia” (Canton, 2009, p. 58).

Srur (2023h) destaca o seguinte:

A escala é uma estratégia que funciona bem, mas ela não é absolutamente essencial, já tem algumas obras que não se utilizam da escala para fazerem bons resultados, intervenção urbana não significa necessariamente que ela precisa ser monumental, grande, muitas vezes não tem recurso, aí você tem que ter uma boa ideia, acho que uma boa ideia vale mais do que um grande formato, mas pra cidade, grandes obras, ou quantidade é uma estratégia que funciona, lembra dos caiaques, os cem caiaques espalhados pelo Rio Pinheiros.

Já no ano de 2008, a intervenção urbana intitulada *Pets* inseriu esculturas flutuantes monumentais na forma de garrafas de refrigerante. Essa intervenção ocupou o Rio Tietê (2008), a Represa Guarapiranga (2010), o lago de Bragança Paulista (2012) e a praia de Santos (2014), assim como participou da Bienal Internacional de Arte Contemporânea da América do Sul (Bienal Sur) em diversas localidades da Argentina (2017) (Srur, 2023f).

O artista, ao apropriar-se do objeto, no caso uma garrafa PET, e ampliar a sua escala, destaca a relação do ser humano com a natureza diante da representação social das garrafas PET como objeto descartável e de amplo consumo. As imagens 3 e 4 apresentam uma noção da escalabilidade.

Imagem 3: Intervenção *Pets* no Rio Tietê, São Paulo, 2008



Fonte: Acervo de Eduardo Srur. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/pets>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Imagem 4: Intervenção *Pets* na Praia do Sol, na Represa Guarapiranga, São Paulo, 2012



Fonte: Dong Hyun Sung. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/pets>. Acesso em: 20 fev. 2023.

A intervenção *A arte salva* (Imagem 5) foi realizada em dezembro de 2011, no espelho d'água do Congresso Nacional, em Brasília, com o lançamento de 360 boias salva-vidas que foram adesivadas com a participação dos alunos da Universidade de Brasília (UnB) e tendo a mensagem “A arte salva” (Srur, 2023b). Sobre essa intervenção, o artista comenta:

Foi minha primeira intervenção colaborativa. Questionado por que agi fora da legalidade, argumentei que pedir autorização reduziria o trabalho, e que a utilização do espaço público para fazer arte é um direito democrático e legítimo. O Congresso é a “casa do povo”, e a arte transcende a política. Essa intervenção era apartidária; um presente da sociedade para o Congresso Nacional (Srur, 2023f).

A questão apresentada por essa ação “associa-se à crítica conceitual do poder da arte, em referência a outras formas de poluição, dessa vez a corrupção em escala política” (Alzugaray, 2012).

Imagem 5: Intervenção *A arte salva*, Brasília, 2011



Fonte: Ed Ferreira. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/a-arte-salva>. Acesso em: 20 fev. 2023.

No ano de 2019, o artista criou 15 esculturas em formato de caçambas de entulho que eram vazadas e constituídas somente por linhas de metal em seu contorno (Imagem 6). Durante a exposição, as esculturas foram gradualmente “migrando para a periferia da cidade. Não existe mágica com o nosso lixo. O deslocamento das esculturas simboliza este desaparecimento perverso dos resíduos para lugares distantes e menos assistidos da sociedade” (Srur, 2023d).

Imagem 6: Intervenção *Caçambas*, São Paulo, 2019



Fonte: Acervo de Eduardo Srur. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/cacamba>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Entre maio e junho de 2022, Eduardo Srur apresentou a série “Vida livre”, composta por três intervenções, a saber: *Voo dos pássaros*, *Aquário* e *Zoo*. Para essa série, o artista ainda criou um manifesto:

MANIFESTO “VIDA LIVRE”

O que você pensa sobre animais presos para entretenimento humano? A pandemia nos obrigou a viver isolados, sem contato com outras pessoas, sem o direito de ir e vir. Como você se sentiria se fosse forçado a viver em *lockdown* para sempre?

Elemento AR

Pássaro nasceu para voar.

Não acho normal ver pássaro em gaiola.

Pássaro feliz é pássaro livre.

A verdadeira morada dos pássaros é a árvore, e não a gaiola do homem.

Elemento TERRA

Animal livre tem instinto e sobrevive graças a ele.

Jaula não constrói futuro para a vida selvagem.

Animais têm que viver na natureza.

Não consigo visitar um zoológico sem sentir tristeza.

Elemento ÁGUA

Aquário é uma ilusão.

Animais são sencientes, têm capacidade de sentir felicidade e depressão.

Imagine viver sem oxigênio, imagine viver sem o direito de respirar.

É indecente assistir a um urso polar confinado em um aquário.

Manter a vida selvagem aprisionada é como proibir o artista de criar a sua obra.

Chega de animais em jaulas, aquários e gaiolas!

Vida Livre! (Srur, 2022).

A primeira intervenção da série “Vida livre” foi denominada *Voo dos pássaros*. Feita com mais de mil gaiolas apreendidas pela Polícia Federal, a intervenção convida o público a refletir sobre os pássaros aprisionados em gaiolas pelo mundo. A composição das gaiolas em forma de árvore designa que o habitat natural dos pássaros é a árvore, e não a gaiola do homem (Srur, 2023g).

Imagem 7: Intervenção *Voo dos pássaros* da série “Vida livre”, no Parque do Povo, São Paulo, 2022



Fonte: Acervo de Eduardo Srur. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/vidalivre>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Já a segunda intervenção – *Aquário* – foi instalada em frente ao lago do Parque Ibirapuera e apresentava um tanque azul com 30 mil litros de água. De acordo com a proposição do artista, os aquários “seduzem com sua beleza artificial, mas os animais estão presos somente para o nosso entretenimento. Imagine viver sem oxigênio. Imagine viver sem o direito de respirar” (Srur, 2023g).

Imagem 8: Intervenção *Aquário* da série “Vida livre”, no Parque Ibirapuera, São Paulo, 2023



Fonte: Acervo de Eduardo Srur. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/vidalivre>. Acesso em: 20 fev. 2023.

A última intervenção da série “Vida livre” – Zoo – foi realizada na Avenida Paulista e teve a participação de atores dentro da jaula para simbolizar animais aprisionados: “O som que emanava da obra era o grito do bugio, um macaco brasileiro ameaçado de extinção que também está representado nas esculturas. Os zoológicos não são bons exemplos de conservação e preservação de espécies” (Srur, 2023g).

Imagem 9: Intervenção Zoo da série “Vida livre”, na Avenida Paulista, São Paulo, 2023



Fonte: Acervo de Eduardo Srur. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/vidalivre>. Acesso em: 20 fev. 2023.

Vale salientar que, para além dessas cinco intervenções urbanas, Eduardo Srur possui inúmeras outras obras. Este artigo focalizou apenas cinco intervenções urbanas, a partir do diálogo da arte com a cidade numa perspectiva ambiental, como nas obras *Caiaques*, *Pets*, *Caçambas* e a série “Vida livre”, e num ponto de vista político, a partir da intervenção *A arte salva*. Sobre a potencialidade do artista, Belchior (2013, p. 60) apontou:

Em comum, suas obras se utilizam do espaço público para chamar atenção, por meio da arte, para questões ambientais e para a vida nas metrópoles. A cidade é a sua inspiração, mas também a sua plataforma de ativação e o seu laboratório de experiências; o público passante (e os governos), o seu alvo. O conjunto de trabalhos de Srur serve como um guia para espaços esquecidos e mal administrados e para deficiências urbanísticas, ambientais e sociais. Acima de tudo, são críticas conceituais que despertam a consciência e olhar através da estética.

Sobre o seu próprio processo de criação, Eduardo Srur (2023h) relata:

[...] a natureza da instalação, processo de montagem e execução, um é completamente diferente do outro [...] eu sou um artista, sou muito interessado e preocupado com as etapas técnicas, não só com segurança, mas para trazer o melhor resultado visual, eu gosto de entender como que eu vou construir a obra. Outras pessoas mais competentes em cada área executam as minhas ideias, mas eu estou sempre no lado, acompanhando esse processo de execução, construção.

E diante desse processo de criação, Srur (2023h) ainda revela os desafios de expor em lugares públicos:

Diversos, desde o início, quando você tem que batalhar as licenças, as autorizações, negociar a utilização dos espaços, daí vem a parte técnica, montagem, o cuidado da obra durante o período expositivo, tudo isso são desafios que envolvem a instalação das obras no espaço público. Por outro lado, uma coisa muito interessante é que você não tem o controle da situação, você não está dentro de um museu, então as obras, diversas vezes elas são alteradas pelo próprio espaço público, pela cidade, e essa dinâmica é muito interessante para as intervenções urbanas, resultados que você não esperava e acontecem durante o período expositivo.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo, ao refletir sobre a arte contemporânea a partir das intervenções urbanas do artista, revelou a cidade como suporte artístico na contemporaneidade com base nas obras de Eduardo Srur. De acordo com o artista, as suas obras são

[...] intervenções urbanas que trazem uma aproximação do público com o que já é delas, que é o espaço público, esse senso de pertencimento que as pessoas se esqueceram de ter sobre a própria cidade. As intervenções urbanas, elas abrem uma espécie de portal em que você se reconecta de novo com o seu meio ambiente, esse meio ambiente alterado, essa mensagem modificada pelo homem, mas é o seu meio ambiente, é um meio em que você vive (Srur, 2021).

Levando em consideração o que foi apresentado, observou-se a cidade como lócus para as experimentações artísticas de Eduardo Srur, em especial a metrópole de

São Paulo. Entretanto, cabe expressar a pluralidade de comunicação das intervenções de Srur, sendo passíveis de transposição das suas obras para as demais cidades do mundo, como ocorreu com a intervenção *Pets*, e até mesmo de proposições para outras localidades, como a intervenção *A arte salva*, produzida em Brasília.

Essa versatilidade da produção do artista ocorre em predominância da sua temática, que abarca o contexto social para além de uma única localidade: “A obra de arte provoca e acentua essa característica de ser um todo e de pertencer ao todo maior e abrangente que é o universo em que vivemos” (Dewey, 2010, p. 351).

Notam-se ainda, nas intervenções de Eduardo Srur, denominações (títulos para as instalações) para as suas obras que remetem aos objetos compostos, visto que as suas proposições instauram-se na escalabilidade dos símbolos representados.

No decorrer da apresentação das intervenções urbanas realizadas por Eduardo Srur, atentou-se ainda para a intencionalidade de se comunicar com a sociedade, aproximando o público da sua própria realidade diante da mediação de uma obra de arte.

O que o artista expressa sobre a sua própria produção relaciona-se com a afirmação de Salles (2009) acerca da intencionalidade artística, em que o desejo de criar e colocar a sua obra no mundo se renova em cada nova obra de arte, no caso Eduardo Srur, com a intenção de evidenciar os problemas urbanísticos e a complexa relação com o meio ambiente por meio de obras apresentadas no cotidiano das cidades, capaz de impactar por meio de uma mensagem artística, sendo o público provocado para uma reflexão.

As obras de Eduardo Srur apresentam uma dimensão ambiental e política em que o artista convida o público a repensar o cotidiano a partir daquilo que o incomoda. As suas intervenções de caráter universal e local ao mesmo tempo difundem mensagens diretas e com engajamento social, a partir das interferências visuais criadas na arquitetura da cidade, o que remete ao clássico artigo de Rosalind Krauss (2008) sobre a escultura no campo ampliado.

Este texto não extrapola todas as possibilidades acerca da produção do artista, menos ainda engloba todas as questões da temática de arte e cidade, todavia expõe um diálogo atual e potente tendo a cidade como suporte artístico da arte contemporânea diante das intervenções apresentadas. O presente estudo abre-se para novas interpretações e correlações, tendo como referência as possibilidades estéticas propiciadas pelas obras de Eduardo Srur, em que o artista lança estímulos para mudar a percepção de espaço-tempo diante da apropriação de significado e do jogo de escala.

REFERÊNCIAS

ALZUGARAY, P. Arte para salvar o mundo. Select, 2012. Disponível em: <https://select.art.br/arte-para-salvar-o-mundo/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

- BELCHIOR, C. A céu aberto. *Bamboo*, n. 25, p. 60-61, 2013. Disponível em: https://www.dropbox.com/s/xpq4x3gwi5nt87a/critica_bamboo%20-%20sp%202.0%20a%20cria%-C3%A7%C3%A3o%20da%20cidade.pdf?dl=0. Acesso em: 20 fev. 2023.
- CANTON, K. *Da política às micropolíticas*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CARTAXO, Z. Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. *O Percevejo Online*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://seer.unirio.br/percevejoonline/article/view/431/380>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- COMPAGNON, A. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Tradução: Cleonice P. Mourão; Consuelo F. Santiago e Eurinice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- CUNHA, A. C. *Estética relacional na cibercultura: visão social dos coletivos Superflex e de Geuzen a respeito da linguagem digital*. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- ECKERT, C. et al. Arte e cidade: policromia e polifonia das intervenções urbanas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 25, n. 55, p. 7-18, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/34KHg8PHmDKqms3S3dX6jhk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- FONTES, A. S. *Intervenções temporárias, marcas permanentes: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades*. 2011. Tese (Doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/21/teses/760108.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KRAUSS, R. A escultura no campo ampliado. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 128-137, 2008. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bc/Krauss_Rosalind_1979_2008_A_escultura_no_campo_ampliado.pdf?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br. Acesso em: 21 fev. 2023.
- MOSÉ, V. *O homem que sabe*. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- O'DOHERTY, B. *No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PALLAMIN, V. *Arte urbana: São Paulo: região central (1945-1999)*. São Paulo: Annablume, 2000. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=9aeyvoO1MugC&oi=fnd&pg=PA7&dq=info:kRLBrRFuLqIJ:scholar.google.com&ots=igEKrUEnUK&sig=4n0Km7G-q7UBSrFOAv2iuCFpJTl&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 fev. 2023.
- RIBEIRO, L. C. de B. *Corpo delével: uma poética da autoimagem distorcida*. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

- SALLES, C. A. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.
- SILVA, M. S.; RIBEIRO, L. C. B.; PAULA, M. T. D. O estudante de artes diante do processo de criação: da ideia ao fazer. In: XVII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, XIII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO E III ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, 2013, São José dos Campos. *Anais [...]*. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2013.
- SRUR, E. *Intervenções na cidade, com Eduardo Srur*. São Paulo: Casa Tegra em Casa, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PAoUWrYP7IA&t=166s>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. Manifesto “Vida livre”. 2022. Disponível em: https://uploads-ssl.webflow.com/5779d7331a78df73570927ce/62685c3584b55e690fe321ca_manifesto%20do%20artista.Srur.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. ATTACK. 2023a. Disponível em: <https://www.attack.art.br/a-empresa>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. *A arte salva*. 2023b. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/a-arte-salva>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. Biografia. 2023c. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/oartista/biografia>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. *Caçambas*. 2023d. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/cacamba>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. *Caiaques*. 2023e. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/caiaques>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. *Pets*. 2023f. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/pets>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. Vida livre. 2023g. Disponível em: <https://www.eduardosrur.com.br/intervencoes/vidalivre>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- SRUR, E. Processo de criação. [entrevista concedida a Michael Santos Silva]. WhatsApp, São Paulo, 13 abr. 2023h.
- VERAS, L. Quem tem medo da arte contemporânea? *Continuun Itaú Cultural*, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://issuu.com/itaucultural/docs/revista-continuum-19>. Acesso em: 20 fev. 2023.
- WILSON, B. Mudando conceitos da criação artística. 500 anos de arte-educação para crianças. In: BARBOSA, A. M. T. B. (org.). *3º Simpósio Internacional sobre o Ensino da Arte e sua História*. São Paulo: MAC/USP, 1990. p. 81-97.

Recebido em: novembro de 2023.

Aprovado em: fevereiro de 2024.